

O Romance *Viragem* e a Desmistificação da Propaganda de África do Estado Novo Português

Carlos Peicy

Mestrando em Estudos da Literatura - PUC-RIO

E-mail: peicy@bol.com.br

RESUMO: O texto analisa o modo como o romance *Viragem*, de Castro Soromenho, está envolvido com a desmistificação da imagem da África divulgada pelo Estado Novo Português. Para tanto, é feita uma análise dos campos político, econômico e social a que a história remete-nos temporal e espacialmente, verificando-se, ao longo desse processo, a diferença fundamental entre esta obra de Soromenho e outra de Henrique Galvão: *O Vélo de Ouro*. Além disso, discute-se neste ensaio a condição adversa enfrentada pelos poucos personagens portugueses que viviam no interior de Angola, bem como as vidas oprimidas de alguns dos principais personagens negros da narrativa. Percebe-se, então, uma África pouco amistosa que impõe diversos limites a ação colonial.

PALAVRAS-CHAVE: política; propaganda; Castro Soromenho.

ABSTRACT: The text analyses the way how the novel *Viragem*, written by Castro Soromenho, is involved with the project of demystification of the image of Africa made public by the Portuguese Estado Novo. With this purpose, it was done an analysis of the political, economical and social fields to which the history sends us temporally and spatially, verifying, during this process, the basic difference between Soromenho's work of and the novel of Henrique Galvão entitled *O Vélo de Ouro*. Besides, it is also discussed in this essay the unlucky condition faced by the few Portuguese characters who lived in the countryside of Angola, as well as the oppressed lives of some important black characters of the narrative. It is realized then an Africa not much friendly that imposes several limits to the colonial action.

KEY-WORDS: politics, advertising, Castro Soromenho.

Na nossa terra sonhamos com uma África cheia de aventuras e aqui acabamos nisto...
Castro Soromenho

Introdução

Esse texto pretende primordialmente, analisar a construção da imagem de África no romance *Viragem* (1957), do escritor Castro Soromenho (1910-1968) e verificar até que ponto essa construção imagética vai de encontro à propaganda oficial, difundida pelo sistema de marketing político do Estado Novo português. Para tanto, é necessário, um olhar que abranja não somente a obra literária em si, mas também a realidade que a cerca, nos campos: político, econômico, social.

No que corresponde ao campo político, o enredo do livro *Viragem*, foca o período da execução da política indígena, que culminou no Ato Colonial de 1930¹. Nesse Ato, o então ministro interino das colônias, Oliveira Salazar (que em 1933, assumiria o poder, como o líder da ditadura portuguesa), utiliza-se da publicação deste documento, para se colocar como “o guardião do império” e desta forma, agrada as elites portuguesas e centralizar o poder colonial em suas mãos. Com a publicação do livro *Viragem* no auge da ditadura salazarista, Castro Soromenho e sua narrativa desmentem e muito, as imagens de tranquilidade e aventuras ligadas a África, que eram divulgadas pelo poder. Mas isso é algo que aprofundaremos no decorrer deste texto.

Em relação à economia portuguesa, esta sempre foi muito dependente de suas colônias, ou melhor, das matérias primas coloniais que eram remetidas à metrópole. Por isso, não interessava a Portugal, a independência das colônias, mas a manutenção da subserviência destas. É nesse ponto, que se destaca no romance a exploração dos sertanejos no cultivo do algodão pelos chefes dos postos de administração colonial.

No campo social, no que concerne a Angola, Castro Soromenho faz um retrato da estrutura social daquele país nas primeiras décadas do século XX. Os grupos que a formam e seus interesses contrastantes, os abusos praticados pelos brancos,

detentores do poder, nos postos da administração colonial. Abusos também cometidos pelos cipaios e a humilhação sofrida por indígenas e sertanejos.

A África dos holofotes imperiais

A propaganda da ditadura portuguesa em relação à África é reforçada pela Exposição do Mundo Português de 1940, que representa o auge da “Política de Espírito”⁴ liderada por Antônio Ferro, que entre outras coisas pretendia demonstrar a Portugal e ao mundo a imagem de uma África de aventuras, e a missão cristã do povo português de levar a esse continente, os valores “corretos” da civilização. O que torna oportuno a denúncia da propaganda do Estado Novo, feita por Adelaide Ginga Tchen

Pretendia-se que a população no seu todo, sem esquecer a grande massa rural de forte percentagem iletrada, se sentisse agradada e vivesse alegre, e, a par, fazia-se sutilmente a inculcação dos valores e princípios pelos quais os espíritos individuais se deveriam guiar, numa vereda orgulhosamente patriótica com elevado sentimento nacionalista, e compreendendo que deveriam manter a fé e a esperança na clarividência de quem superiormente regia o futuro, tornando mais fácil o “mandar” e o “obedecer” (1997, p.49) .

O império que premiou Castro Soromenho três vezes (1939, 1942, 1943) no Concurso Colonial da Agência Geral das Colônias é o mesmo que vai exilá-lo por causa das constantes críticas, pois, Castro Soromenho foi, dentre outros escritores, um dos que apresentou uma voz de resistência à propaganda do regime fascista. Essa última afirmação nos faz recorrer à pesquisadora Calafate Ribeiro

O que a obra de Castro Soromenho, na sua representação pioneira da dimensão polifônica do mundo colonial, trazia para a luz do dia e inequivocamente anunciava era o fim da visão hegemônica, unilateral, unidimensional e estática de África e de Portugal e o seu império, veiculada pelo Estado Novo, não só porque os africanos não eram <<criaturas inocentes>> à espera da ação civilizadora portuguesa [...] mas também porque os próprios colonos não eram heróis agentes de uma civilização portuguesa. (2004, p.143)

Quatro personagens de *Viragem* formam o núcleo de brancos da narrativa, são eles: Afonso Nogueira, Antônio Alves, Paulina e D Joana. Os dois primeiros são chefes do posto da administração colonial às margens do rio Cuango, e as duas

senhoras são respectivamente, esposa de Afonso Nogueira e avó de Paulina. Esses brancos destacam-se principalmente por sua frieza no trato com os negros, sua avareza e por sua maldade.

No romance *Viragem*, deparamo-nos com uma África, bem diferente daquela que deveria ser “espelho cintilante”⁵ de um “Portugal centro de um império colonial”⁶. Castro Soromenho soube construir através de seu olhar atento e criativo, uma narrativa simples, mas extremamente poderosa e desmistificante. Tendo vivido em Angola, ele serviu no quadro administrativo angolano como aspirante, nos sertões do leste daquele país, o que pode lhe ter propiciado uma maior clarividência do contexto colonial angolano.

Trata-se de uma atitude de “coragem” de Soromenho. Naqueles “anos difíceis” de ditadura, essa é a palavra mais correta a ser usada, pois, aqueles que não se encaixaram nos ditames ideológicos do sistema, eram normalmente exilados, presos, perseguidos. No caso do escritor de *Viragem*, ele foi exilado em 1960 indo para a França.

Sua postura crítica na vida refletiu-se na ficção e em desconsonância com a “Política de Espírito” do Estado Novo, mostra-nos outra colônia. A Angola de *Viragem* é um lugar inóspito, arredio, de natureza perversa, que é facilmente percebida na fala do personagem Antônio Alves, aspirante administrativo: “A África [...] Neste cu do mundo só há solidão e febres. É horrível esta sensação de se estar vivo neste tempo morto. É como se um homem só tivesse passado, com a alma enterrada no passado e o corpo vivo em febre e suor. Eu quero viver, viver!” (SOROMENHO, p.44)⁷

Durante todo o romance os personagens brancos passam mal, perde-se a conta de tantos vômitos que os acometem. O calor, os mosquitos, as adversidades impostas pelo ambiente pouco amistoso, são sempre desculpas utilizadas pelos personagens para culpar aquele continente. Destacamos mais três momentos de desabafo de Antônio Alves

“...Não tenha vergonha de está doente[a D. Joana]. A África e doença é a mesma coisa. Os brancos é que nunca deviam vir para cá.” (p. 175)

“ A África é isto, um grande batuque, um batuque infernal!” (p.179)

“Mortos somos todos nós a apodrecer nesse buraco do mundo.”
(p.190)

A Angola do romance *Viragem* é rica de “elementos históricos e quotidianos do período de execução da política colonial”⁸, é o que destaca Maria da Glória de Brito. Sendo assim, percebemos os brancos do romance em seu cotidiano sempre entediados com essa África tão distante daquela pensada na metrópole. Já os negros “assimilados” pelo sistema colonial, apesar de quase sempre estarem “conformados” em sua condição de subalternidade, apresentam momentos de resistência. Isso dá margem para o nosso próximo tópico.

A pirâmide social no romance *Viragem*

Pretendemos neste tópico, evidenciar o jogo existente nas relações sociais de poder que ocorre no romance *Viragem*, e ainda reforçar a nossa idéia de uma narrativa desmistificante da ideologia salazarista no que concerne a África. Ainda para Calafate Ribeiro ao comentar o romance *O Vélo D’ Oiro*, de Henrique Galvão; a autora de *Uma História de Regressos - Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo* descreve o modelo de narrativa atraente para o poder imperial

Trata-se [...] de uma história moralizadora, na medida em que comprova que a vontade de enriquecer depressa, que inicialmente movia Rodrigo, levando-o à busca de oiro numa África selvagem, é duramente castigada, enquanto o trabalho árduo mas persistente de agricultor é gratificado, garantido, do ponto de vista do indivíduo, uma riqueza confortável e, do ponto de vista do Estado, uma colonização estável que cria raízes e reproduz uma imagem-espelho do modelo português (2004,p.141) .

Acreditamos que a história de *Viragem* não se encaixa nesse modelo descrito por Calafate Ribeiro na citação acima, como é o caso de *O Vélo D’ Oiro*, livro que recebeu em 1933 o Prêmio Literário da Agência Geral das Colônias – Prêmio atribuído pelo Estado Novo . Percebemos nas relações sociais do livro de Castro Soromenho um jogo intrigante e tenso, entre a voz do poder representada pelo chefe do posto, Paulina e D. Joana (brancos) e seus subalternos: cabo, cipaios e capitas (negros); e entre esses últimos e os sobas, sertanejos e indígenas, também negros.

A ação do romance acontece no posto do rio Cuango, tendo Afonso Nogueira se afastado da chefia por motivo de saúde e indo para Luanda se tratar, deixa sua esposa Paulina e a avó dela D. Joana sozinhas na casa grande. Em seu lugar, fica o

aspirante administrativo Antônio Alves, o qual se encarrega de administrar os negócios coloniais com mão de ferro.

Para auxiliar Antônio Alves, temos os negros “assimilados” pelo sistema colonial. Referimo-nos aos cipaiais e capitas. Os cipaiais são homens que recebem uniformes e espingardas, eles normalmente falam um pouco de português e são os responsáveis por traduzir os diálogos entre o chefe administrativo e os sertanejos e indígenas. Essa vontade em dominar a língua do branco é também o desejo de conquistar um espaço maior na hierarquia colonial. Os capitas, também são negros ajudantes dos brancos, que pretendem um dia tornarem-se cipaiais e por isso, estão ali, sempre a serviço do ‘branco chefe’. Vejamos a descrição do narrador: “E todos ambicionavam ser capitas, porque não pagavam imposto indígena, não trabalhavam nas estradas e nos algodoads e tinham direito a mandar e a usar chicote.” (p.136)

Essas relações são marcadas por abuso do poder, tanto por parte dos brancos quanto por parte dos cipaiais e capitas. Estes últimos já não se reconhecem em seu próprio povo por justamente estarem à busca de uma melhor posição social na vida, ao lado do ‘branco do governo’.

“ Os próprios capitas, sempre orgulhosos por gritarem aos matutos as ordens do <<branco do governo>> sentiam-se pouco à vontade entre aqueles homens de cabeças emplumadas que arrastavam com ares arrogantes a cauda das peles com que se tangavam pelo chão poeirento da senzala, fazendo luzir ao sol as lâminas das lanças e catanas. (p.195) .

Essa situação descrita acima, em que cipaiais e capitas olham com estranheza para as pessoas que representam sua própria origem cultural, elucidada que alguma coisa neles foi mudada. Lembremos Frantz Fanon em seu texto *O negro e a Linguagem*, ao falar da mudança do negro antilhano ao chegar à França, achamos oportuno citá-lo

O negro que entra na França muda porque, para ele, a metrópole representa o Tabernáculo; muda não apenas porque de lá vieram Montesquieu, Rousseau e Voltaire, mas porque é de lá que vêm os médicos, os chefes administrativos, os inúmeros pequenos potentados... (2008,p.38) .

Apesar dessa mudança do negro, com o intuito de adaptar-se ao sistema colonial, sempre há a resistência e a hora de dar um retorno àqueles que sempre abusaram do poder, como na fala do soba a seguir: “O soba cuspiu para a frente, num

esguicho, e disse-lhe: <<Sipaio sem espingarda é macaco sem mão, não presta, não pode roubar.>> todos largaram a rir e o Tipóia voltou-lhes as costas, a vociferar ameaças. (p.151) .

O caso do cipaio Tipóia no desenrolar da história é realmente esclarecedor para a nossa proposta. Negro fiel aos brancos, trabalhou trinta anos aos seus serviços, e por ter falhado na missão de capturar o capita Oxenda _que havia fugido do posto_ é castigado a mando de Antonio Alves, pelo próprio “colega” Pedro Santo , capita que almejava tornar-se cipaio. Além do castigo, Tipóia é destituído do “cargo” e passa por toda humilhação que passavam os “ladrões” quando capturados

Tirem-lhe a farda _ mandou Antônio Alves.

Os sipaios entreolharam-se e empurraram os capitas para aquela tarefa que se lhes apresentava odiosa. E ele deixou-se despir sem fazer um movimento. Quando lhe deixou tombar como mortos. Tinha os olhos fechados e nada ouvia, mas os lábios mexiam-se sem cessar, sem que se lhe ouvisse um sussurro, e repetia mentalmente: <<Trinta ano, trinta ano, trinta, trinta, trinta...>> (1978,p.170) .

Com efeito, a figura de Tipóia expõe a forma de tratamento dada aos assimilados pela a administração colonial. Evidenciando o drama do negro angolano que mesmo estando ao lado do chefe do posto, tendo doado trinta anos da sua vida aos mandos e desmandos do branco, figura-se apenas como uma mão de obra, que pode ser descartada a qualquer momento.

Os personagens brancos, por sua vez, não estão num paraíso tropical, nem muito menos num “cantinho de Portugal”⁹, vivem aterrorizados diante da constante “ameaça” dos selvagens: “ O vozeirão do cabo de sipaios levantou-se num grito de alerta, o mesmo que devia repetir de espaço a espaço, noite fora, para que os brancos pudessem dormir confiados em que suas vidas e casa estavam defendidas pela sua escopeta” (1978,p.90) .

Outro momento que consideramos importante é quando, depois da morte do Tipóia, Pedro Santo, que foi o herdeiro da farda dele, reflete sobre a própria condição dos agentes auxiliares e segue o rumo da liberdade

Ele ficou-se um momento com o olhar perdido no nevoeiro. Depois despiu a farda, tangou-se, apertou o cinto com a bolsa do tabaco e a faca, deitou a mão à farda e à espingarda e saiu de casa. Sentiu sobre a cacimba, um arrepio de frio do corpo nu [...] Abeirou-se da fogueira e agachou-se ao lado da sua mulher. Ela viu-o nu e a

boca abriu-se-lhe num riso largo. E, sem trocarem palavra, levantaram-se, atravessaram o terreiro e perderam-se na noite da floresta. (1978, p.206) .

Indubitavelmente, Castro Soromenho em *Viragem* apresenta uma consonância com o movimento cultural neo-realista português, seja através da “denúncia dos marginalizados perante a sociedade”¹⁰ ou por sua linguagem de estética realista. Mas, sobretudo a realidade ficcional neste romance é a africana, longe das fábricas e da exploração pelo capitalismo industrial. Deparamo-nos aqui, com uma situação exploratória causada pelo sistema de governo colonial que deseja anular o indivíduo de diversas maneiras.

NOTAS:

¹ *Acto colonial 1930*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009. [Consult. 2009-04-22].

² Cf. Ferreira, Eduardo de Sousa. *A lógica da consolidação da economia de mercado em Angola, 1930-74 Análise Social*, vol. XXI (85), 1985-1.º, 83-110. Disponível em [HTTP://analisesocial.icsul.pt/documentos/1223476582x5dGR7qk4Lo82EL4.pdf](http://analisesocial.icsul.pt/documentos/1223476582x5dGR7qk4Lo82EL4.pdf)

³ Ibidem.

⁴ A. Ferro, << Política do Espírito >>, in Diário de Notícias, 21.Nov.1932.

⁵ CALAFATE, Ribeiro, A construção da imagem do império africano na Literatura. In: Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo. Porto: Afrontamento, 2004. P.137.

⁶ Ibidem.

⁷ SOROMENHO, Castro, *Viragem*, Lisboa: Livraria Sá da Costa ed., 1979, p. 44. Todas as demais citações desta obra referem-se a esta mesma edição e serão indicadas apenas pelos números das páginas.

⁸ BRITO, Maria da Glória de. “A desagregação da sociedade angolana no romance *Viragem* de Castro Soromenho” in *Latitudes - Cahiers lusophones*. Paris, n. 12, p. 11-7, set. 2001. Disponível em <http://revues-plurielles.org/uploads/pdf/17_12_3.pdf>.

⁹ Galvão, 1936:27,21,28 e29. Apud CALAFATE-RIBEIRO, 2004. P.139.

¹⁰ BRITO, op.cit.

REFERÊNCIAS:

Acto colonial 1930. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009. [Consult. 2009-04-22]. Acesso em 22 abr. 2009.

Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$acto-colonial-1930](http://www.infopedia.pt/$acto-colonial-1930)>

BRITO, Maria da Glória de. “A desagregação da sociedade angolana no romance *Viragem de Castro Soromenho*” in *Latitudes - Cahiers lusophones*. Paris, n. 12, p. 11-7, set. 2001. Disponível em <http://revues-plurielles.org/uploads/pdf/17_12_3.pdf>. Acesso em 22 abr. 2009.

CALAFATE, Ribeiro, A construção da imagem do império africano na Literatura. In: *Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Afrontamento, 2004. P.137-166.

FANON, Franz. *O negro e a linguagem*. In: *Pele negra máscaras brancas*. (Trad. Renato da Silveira). Salvador: EDUFBA, 2008, p. 33-51.

Ferreira, Eduardo de Sousa. *A lógica da consolidação da economia de mercado em Angola, 1930-74* *Análise Social*, vol. XXI (85), 1985-1.º, 83-110. Disponível em [HTTP://analisesocial.icsul.pt/documentos/1223476582x5dGR7qk4Lo82EL4.pdf](http://analisesocial.icsul.pt/documentos/1223476582x5dGR7qk4Lo82EL4.pdf)

SOROMENHO, Castro, *Viragem*, Lisboa: Livraria Sá da Costa ed., 1979.

TCHEN, Adelaide Ginga. *A aventura surrealista*. Lisboa: Colibri, 2001